--- A Gênese HOMEM-Deus/O Tipo ADÃO/O LOGOS SOLAR/O QUISTY / O Super Homem/Humano De Nietzsche --- 1.2

Übermensch - O Humano/Humano-Trancendente - [UTTAMA PURUSHA/PURUSHAUTTAMA]

- Baghavad Guita Capítulo XV -

https://www.google.com.br/books/edition/Bhagavad_Gita/LWEAdMGCJ1EC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita&printsec=frontcover

https://vedabase.io/pt-br/library/bg/15/#bb3504

https://www.google.com.br/books/edition/Coment%C3%A1rio_Sobre_O_Bhagavad_Gita/xN1xDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/O_Bhagavad_Gita/DmWbDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita+-+PORTUGUES&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/Bhagavad_G%C4%ABt%C4%81/ZyqsDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita+-+PORTUGUES&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/Bhagavad_Gita/ucwwEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita+-+PORTUGUES&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/Bhagavad_Gita/FEqkEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita+-+PORTUGUES&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/A_Filosofia_do_Bhagavad_Gita/FbfeDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita+-+PORTUGUES&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/Bhagavad_Gita/EL3xEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita+-+PORTUGUES&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/A_Sublime_Can%C3%A7%C3%A3o_Bhagavad_Gita/mRiDDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita+-+PORTUGUES&printsec=frontcover

https://www.google.com.br/books/edition/Bhagavad_Gita/PRIgEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=bhagavad+gita&printsec=frontcover

O termo alemão (do alemão Übermensch, "super-homem", "sobre-homem" ou "Além-Homem") [1] trata-se de um conceito filosófico descrito no livro Assim Falou Zaratustra (Also sprach Zarathustra), do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. A expressão sugere a ideia de ir além das limitações convencionais da condição humana, rompendo com valores tradicionais e normas morais que Nietzsche via como restritivas. O Além-Homem é um ser que busca a autossuperação, a afirmação da vida e a criação de sua própria ética, livre das amarras das tradições moralistas. Portanto, quando se fala em "Além-Homem" no contexto da filosofia de Nietzsche, refere-se a um ideal de humanidade que transcende as concepções convencionais e busca uma expressão mais plena e autêntica da existência. [2]

Conceito

Do ponto de vista de Friedrich Nietzsche, é tarefa do homem produzir um tipo que seja mais desenvolvido do que ele próprio. [3] Nietzsche chama esse ser humano, que é superior aos humanos, de Übermensch - um termo que para Nietzsche tem um significado espiritual e biológico. Nietzsche usou pela primeira vez o termo Übermensch em seus primeiros escritos em referência a Lord Byron, que foi caracterizado como um “além-homem controlador da mente”. O conceito de Übermensch aparece pela primeira vez de forma sistemática em sua obra Assim Falou Zaratustra (1883-85), mesmo que seu conceito já tivesse sido arcialmente desenvolvido em sua obra "Humano, Demasiado Humano" (1878). Nietzsche adotou o termo do filósofo materialista francês Helvétius, que escreveu sobre o homme supérieur (homem superior). [4]

O "Além-Homem" é um conceito central na filosofia nietzschiana, introduzido em sua obra "Assim Falou Zaratustra". Nietzsche não definiu o Além-Homem de forma exaustiva, deixando interpretações abertas. No entanto, algumas características fundamentais incluem a ideia de transcender as limitações impostas pela moral tradicional, a busca pela autossuperação e a criação de novos valores fundamentados na vitalidade e na celebração da vida. A tradução "Além-Homem" é uma escolha apropriada, pois transmite a ideia de ir além das concepções convencionais de humanidade. É uma expressão que sugere a superação dos limites tradicionais do ser humano, indicando um estágio de evolução ou transformação para além das normas estabelecidas. [2]

O conceito explica os passos através dos quais o homem pode se tornar um 'além-homem' (homo superior, como no inglês Beyond-Human a tradução também pode ser Além-do-humano): Através da transvaloração de todos os valores do indivíduo; Através da sede de poder (vontade de potência), manifestado criativamente em

superar o niilismo e em reavaliar ideais velhos ou em criar novos; e de um processo contínuo de superação.

O além-homem foi contrastado com a ideia do "último homem", que é a antítese do Übermensch. Visto que Nietzsche não era considerado um exemplo de Além-homem em seu tempo, (através do "porta voz" de Zaratustra), ele declarou que havia muitos exemplos de últimos homens. Zaratustra atribui à civilização de seu tempo a tarefa de preparar a vinda do Übermensch. Na compreensão deste conceito, entretanto, tem-se que recordar a crítica ontológica de Nietzsche quanto ao assunto individual que reivindicou "uma ficção gramatical".[5][6]

É um conceito da filosofia de Friedrich Nietzsche. Em seu livro de 1883, Assim falou Zaratustra (alemão: Also sprach Zarathustra), Nietzsche faz seu personagem "Zaratustra" declarar o Übermensch como uma meta que a humanidade deve estabelecer para si mesma. O Übermensch representa uma mudança em relação aos valores cristãos sobrenaturais e manifesta o ideal humano fundamentado. O Übermensch é alguém que "atravessou" a ponte, da confortável "casa no lago" (a aceitação confortável, fácil e estúpida do que uma pessoa aprendeu e do que todos os outros acreditam) para as montanhas de inquietação e solidão. [7]

Friedrich Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, introduziu o conceito de "Além-Homem" (Übermensch em alemão) em sua obra "Assim Falou Zaratustra" (Also sprach Zarathustra). Esse conceito desempenha um papel crucial em sua filosofia, e para entendê-lo plenamente, é importante considerar o contexto mais amplo de seu pensamento. Nietzsche era um crítico ferrenho da moral tradicional, especialmente do cristianismo, que ele via como uma religião que negava a vida e o corpo em favor de uma moral ascética que suprimia os impulsos naturais e valorizava a humildade e a resignação. O Além-Homem surge como uma resposta a essa moralidade. Nietzsche proclamou a "morte de Deus", sugerindo que as crenças religiosas e os valores tradicionais estavam perdendo sua influência na sociedade. Com a perda dessa base moral, ele viu a necessidade de criar novos valores que fossem fundamentados na existência terrena e na celebração da vida. [8] [9]

O além-homem, na filosofia, o homem superior, que justifica o existência da raça humana. É um termo usado significativamente por Friedrich Nietzsche, particularmente em "Assim Falou Zaratustra" (1883-85), embora tenha sido empregado por J.W. von Goethe e outros. Este homem superior não seria produto de uma longa evolução; em vez disso, ele emergiria quando qualquer homem com potencial superior dominasse completamente a si mesmo e abandonasse a convencional "moralidade de rebanho" cristã para criar seus próprios valores, que são completamente enraizado na vida nesta terra. Nietzsche não teorizou nada sobre o brutal "super-homem" dos nazistas alemães, pois seu objetivo era um "César com a alma de Cristo". George Bernard Shaw popularizou o termo "super-homem" em sua peça Homem e Super-Homem (1903). [10]

O conceito de Além-Homem está ligado à ideia de autossuperação e à "vontade de potência" (Will to Power) de Nietzsche. Ele propôs que os indivíduos deveriam buscar constantemente superar-se, ultrapassar limites convencionais, abraçar a individualidade e expressar plenamente sua singularidade. Para Nietzsche, o Além-Homem não era um ser fixo ou uma meta a ser alcançada, mas um processo de tornar-se, uma evolução constante. Ele via o potencial humano como ilimitado e encorajava a criação de novos valores que surgissem de uma compreensão autêntica da natureza humana, livre dos preconceitos morais tradicionais. O filósofo argumentava pela "transvaloração de todos os valores", uma reinterpretação radical que desafiaria as normas estabelecidas e permitiria a emergência de uma nova ética baseada na vitalidade, na criatividade e na afirmação da vida. O Além-Homem representa, assim, um indivíduo que é capaz de criar seus próprios valores, que não está preso às normas impostas pela sociedade ou tradição. Esse ser além do convencional é ousado o suficiente para forjar seu próprio caminho, determinando seus próprios propósitos e significados na vida. [11]

O além-homem ou também super-homem, tem como qualidades principais a faculdade de esquecer e a afirmação da lei do eterno retorno. Já a terceira qualidade que complementa estas duas é a importância que atribui ao que existiu e o desejo de ocorrência por toda a eternidade do que foi vivido. Essa terceira qualidade é denominada amor fati, amor ao destino, e significa que não deve haver arrependimento do homem na vivência de seus valores. Nietzsche defende que em toda cultura o indivíduo coexiste com duas morais básicas, ou seja, a moral aristocrática (moral dos senhores) e a moral dos escravos (moral de rebanho). Nietzche, essencialmente, contradiz as ideias de moral apresentadas por Aristóteles e também por Platão, respectivamente, as ideias morais de um cosmos ordenado e a de uma forma ideal de Bem. Em outras palavras, Nietzche destrói toda e qualquer forma de "ideal" ao dizer que Der Übermensch vive na vida, de forma real e na maneira que ela se apresenta a ele, sem muletas metafísicas, com as dores e todas a limitações de ser um humano.

História do conceito

A primeira criação da palavra é conhecida como "hyperanthropos" e foi utilizada já no século I a.C. por Dionísio de Halicarnasso em 500 a.C. Luciano empregou o termo no século II d.C., mas ironicamente, para ridicularizar os poderosos do mundo, sugerindo que seriam reduzidos ao seu tamanho natural no reino dos mortos. O conceito de Übermensch surgiu pela primeira vez em alemão em uma carta de Hermann Raab, Provincial da Província Dominicana Saxônica, em 1527, onde era utilizado como uma espécie de termo pejorativo para referir-se aos "luteranos" que compreendiam o Reino de Deus de maneira puramente espiritual. [12]

O Übermensch desempenha um papel central na "Divina Comédia" de Dante. O termo Hapax legomenon "transumanar" (uma criação de palavras de Dante, derivada do latim "trans", significando "através" ou "sobre", e "humano") é particularmente destacado no "Paradiso" (mencionado no Canto I, 70), desempenhando um papel crucial no enredo. Analogias podem ser traçadas na desafiadora deificação de Glauco, conforme encontrada nas "Metamorfoses" de Ovídio (7.219; 13.898 - 14.74). Em Ovídio, Glauco, um pescador mortal, ao consumir uma erva mágica, torna-se imortal, mas sofre uma transformação física, com o crescimento de nadadeiras e a regressão de braços e pernas, o forçando a viver eternamente no mar. Na obra de Dante, o conceito de sobre-humano não representa apenas uma mudança física, mas simboliza a transcendência do ser humano, deixando para trás suas condições existenciais em direção ao divino. Em contraste com o próprio Dante, que é um peregrino na jornada, as experiências sobre-humanas não são vivenciadas neste mundo, mas sim na vida após a morte. Essa ideia sugere uma evolução espiritual e uma busca pela divindade além das limitações terrenas. [13]

É certo que Dante foi profundamente influenciado pelos escritos do Pseudo-Dionísio Areopagita, especialmente nas expressões como "super hominem", "ultra hominum modum", e "superhumanus", que frequentemente aparecem em traduções latinas. No entanto, é possível identificar também possíveis fontes de inspiração linguística em figuras como Tomás de Aquino, Agostinho e Mateus. Curiosamente, embora o termo "super-homem" tenha sido usado de maneira pagã sob Luciano, sua adoção no contexto cristão ocorreu pela primeira vez com o profeta Montanus, falecido em 178. Ernst Benz detalhou minuciosamente que o conceito de "super-homem" já estava bem desenvolvido na teologia da Igreja, séculos antes da propagação do pathos anticristão de Nietzsche. Isso evidencia que o termo já possuía uma conotação teológica muito antes de sua associação mais conhecida com as ideias do filósofo alemão. O teólogo Heinrich Müller, entre outros, abordou o conceito de super-homem em sua obra "Geistliche Erquickungsstunde" (1664). Johann Gottfried von Herder e o filósofo indiano Sri Aurobindo também discutiram o termo, cada um atribuindo-lhe significados distintos. Johann Wolfgang von Goethe utilizou a expressão novamente, desta vez de forma irônica, em sua tragédia "Fausto I": "Que horror lamentável o sobre-humano tem reservado para você!", declara o espírito da terra. Fausto é, na verdade, apenas "um verme terrivelmente retorcido". Goethe detalha essa perspectiva no poema "Apropriação". [14]

No romance "Crime e Castigo" (1866) do escritor russo Dostoiévski, a ideia do personagem principal, Raskolnikov, serve como precursora do conceito de Nietzsche de um "super-homem" chamado para governar. Raskolnikov, que sonha em emular Napoleão, acaba caindo na armadilha do autoengano. Sua ruína se torna evidente quando tenta assumir o papel de um super-homem divino, tomando decisões sobre o bem e o mal. Ele reconhece que o verdadeiro mestre do crime foi Napoleão, admitindo: "Sou tão insignificante quanto qualquer outro." Dostoiévski, assim,

condena o sentimento de poder e o princípio individualista presentes na busca de Raskolnikov. [15]

Theodor Fontane aborda de forma crítica o termo em seu romance "Der Stechlin" (1897), no qual o velho Stechlin comenta: "Agora, o chamado Übermensch foi estabelecido em vez do ser humano real; na verdade, existem apenas sub-humanos, e às vezes são esses que você realmente deseja transformar em 'super'. Li sobre pessoas assim e vi algumas também. É uma sorte que, na minha opinião, sejam sempre personagens decididamente cômicos; caso contrário, poderíamos nos desesperar." [16]

A moral aristocrática e do rebanho

Ao longo da história, segundo Nietzsche, teriam prevalecido diferentes morais. Na Roma Antiga predominou a moral aristocrática (moral dos senhores), enquanto que, a partir da ascensão do cristianismo, até o século XIX, dominou, ou saiu vencedora, a moral dos escravos. Apesar de considerar a moral dos escravos inferior à moral dos senhores por várias razões, isso não significa que Nietzsche não reconheça o papel desempenhado por essa moral na construção do homem moderno, além da possibilidade de desempenhar igual papel na superação dessa moral. Uma das críticas à moral dos escravos (moral platônico-cristã, ou moral da compaixão) é que ela se apresenta como moral universal, válida para todos os indivíduos. Esse caráter absoluto da moral do não egoísmo prejudicaria os homens fortes, na medida em que sua aplicação não é adequada para tais tipos de homens.

A moral dos escravos só seria adequada aos homens fracos, àqueles que defendem os valores da compaixão, do não egoísmo, da bondade, justiça e da fraqueza. Em segundo lugar, a moral dos escravos constitui-se em uma moral negativa da vida e dos valores afirmativos da vida, os quais foram criados pelos nobres. Como a nobreza e seus valores representam uma ameaça para a existência dos fracos, a moral platônico-cristã inverte os valores nobres e os valora como negativos, estimando-os como nocivos à vida em geral, quando eles são nocivos apenas à vida dos escravos. Os valores aristocráticos (nobres), como a coragem, honra, força e crueldade, são afirmativos da vida e existem por si só, não constituindo uma reação aos valores preconizados pela moral dos escravos.

No entanto, apesar da moral escrava ser uma moral reativa, que exprime uma reação à moral dos senhores (que é moral afirmativa da vida), ela também é criadora de valores, porquanto também expressa vontade de poder em ação, mesmo que seja a vontade de poder dos mais fracos. O fato dessa moral platônico-cristã ter predominado nos últimos dois mil anos não significa que ela predomine para sempre na cultura ocidental. Ao contrário, elementos (valores) como inteligência, astúcia e uma certa espiritualidade, características desenvolvidas ao extremo na moral dos escravos, permitem vislumbrar uma superação dessa moral

por um tipo além-do-homem, ou espírito livre, que combine tais características com os valores já citados da moral dos senhores.

Esse espírito livre, um tipo mais elevado de homem, que combina valores da moral dos senhores e da moral dos escravos, tem como qualidades básicas oriundas da moral dos nobres a coragem, honra, beleza, força e crueldade, além de ter como qualidades da moral dos escravos a inteligência, astúcia e uma certa espiritualidade. Importante salientar que Nietzsche não afirma que a superação da moral escrava, com o desenvolvimento de um determinado tipo de homem cuja base seja o aristocrata e o cume seja o espírito livre, o que supõe as condições propícias para a sua existência e crescimento, implique no fim da moral escrava. A moral da compaixão, segundo Nietzsche, continuará a vigorar nas relações entre os escravos e como contraponto das morais afirmativas. A pluralidade de morais, seja a existência de morais afirmativas, seja reativas, é considerada uma condição propícia para o nascimento de um novo tipo de homem, denominado por Nietzsche além-do-homem, super-homem, homem redentor, espírito livre, homem superior e filósofo do futuro.

Além disso, a moral dos espíritos livres não é uma moral dogmática. Ela pode e deseja coexistir com outras morais, inclusive morais contraditórias ou reativas, como a moral para os homens inferiores ou escravos de algum tipo, moral da compaixão ou do não egoísmo, que se condensa na moral platônico-cristã. Se a moral platônico-cristã (moral do rebanho) enfraquece ou degrada o homem, isso se deve ao fato que a moral para espíritos livres expressa uma vontade de poder ativa, afirmação da vida e de valores superiores, sendo que a moral da compaixão expressa uma vontade de poder reativa. De fato, como afirma Oswaldo Giacoia Junior[17], a debilidade dos fracos (escravos) é de caráter ontológico, repousando numa fraqueza ou enfermidade da vontade que quer o nada, em lugar de estar em harmonia com a afirmação da vida. Assim, a debilidade dos fracos não se fundamenta na força física, nem na dominação com base em riqueza econômica, situação de classe social ou poder político.

Em linhas gerais, Nietzsche defende uma moral pluralista e não universalista, sendo que há uma moral para os homens elevados e uma moral para os homens medíocres. Contudo, individualmente, o homem pode, mediante o cultivo disciplinado de suas qualidades, atingir o estado de um homem superior, do próprio Além-do-Homem, visto que o homem é uma meta, uma ponte para algo além dele.

Para Rüdiger Safranski, o Übermensch representa um tipo biológico superior alcançado através da seleção artificial e ao mesmo tempo é também um ideal para quem é criativo e forte o suficiente para dominar todo o espectro do potencial humano, o bem e o “mal”, para se tornar um "artista-tirano". Em Ecce Homo, Nietzsche negou veementemente qualquer interpretação idealista, democrática ou humanitária do Übermensch: "A palavra Übermensch [designa] um tipo de realização suprema, em oposição aos homens 'modernos', aos homens 'bons', aos

cristãos e a outros niilistas [...] Quando sussurrei nos ouvidos de algumas pessoas que seria melhor procurarem um Cesare Borgia do que um Parsifal, eles não acreditaram no que ouviram." Safranski argumenta que a combinação de orgulho guerreiro implacável e brilho artístico que definiu o Renascimento italiano incorporou o sentido do Übermensch para Nietzsche. De acordo com Safranski, Nietzsche pretendia que a figura ultra-aristocrática do Übermensch servisse como um bicho-papão maquiavélico da classe média ocidental moderna e do seu sistema de valores igualitários pseudo-cristãos. [18]

Transvaloração e condições para o surgimento do espírito livre

Nietzsche chama atenção para o fato de que a moral afirmativa pode ser dominante mesmo quando o novo tipo de homem seja minoria, pois o que interessa é a vontade de poder dominante, que ela seja ativa em lugar de reativa. Na verdade, é raro que se criem as condições para que floresçam homens fortes, destacados, espíritos livres, e pode acontecer que não se obtenha um grande número desse tipo especial de homem. Todavia, o que Nietzsche pretende é que haja experiências morais que possibilitem a criação do além-do-homem, tal como foi possível com o advento da sociedade romana ou a aparição de determinadas figuras públicas (Napoleão, César Bórgia, Wagner e Goethe) ao longo da história. Num determinado sentido Nietzsche distingue o além-do-homem, super-homem ou espírito livre, do homem designado homem superior.

O homem superior é aquele que se livra dos erros mais comuns das representações da moral dos escravos, além das concepções da religião e da metafísica. Já o espirito livre ou super-homem (além-do-homem) designa um estágio posterior em que tal ser está livre de toda moral legisladora, que o obriga a agir segundo tal lei moral, que inclusive é anterior ao indivíduo e tem fundamentos religiosos e metafísicos. A transvaloração de todos os valores implica que a lei moral deve ter por função o engrandecimento do homem, invertendo os valores da moral platônico-cristã, de modo que o espírito livre esteja além do bem e do mal. A lei moral deixa de ser algo dado a priori e cujo descumprimento implica na imposição de um castigo para o homem.

A transvaloração de todos os valores significa que o dever e a verdade, bem como a relação culpa/castigo devem ser abandonados, a fim de que o espírito livre seja senhor de si mesmo e de suas virtudes afirmativas. O espírito livre é expressão da transvaloração de todos os valores, não havendo um querer livre sem a inversão dos valores da moral platônico-cristã e a depreciação da moral em geral. O espírito livre deve ser livre em relação a toda lei moral , na medida que a moral só se justifica na concretização desse tipo de homem mais elevado. Tal tipo de homem (espírito livre), como se viu, afirma ao máximo os valores e virtudes superiores, valores que podem resultar de uma certa combinação dos valores inerentes à moral aristocrática e à moral dos escravos. A perspectiva de Nietzsche não implica, igualmente, que os homens inferiores (que praticam a moral dos escravos em lugar

da moral dos senhores) não possam tornar-se espíritos livres. Comandar e obedecer não são atributos fixos e imutáveis. O homem que obedece pode em outro momento comandar. O que Nietzsche afirma é que o homem elevado (especialmente o espírito livre) é mais raro de florescer, o que se justifica pelos enormes antagonismos de suas características, gerando uma forte tensão.

A debilidade dos fracos como sendo ontológica (como visto acima) irá resultar em que regimes políticos como a democracia e o socialismo, mesmo que promovendo igualdade em vários níveis, não podem suprimir a desigualdade no plano da vontade de poder. Ou seja, esses regimes não podem dar condições ao surgimento de espíritos livres. As dificuldades para o florescimento destes em grande número, em um povo ou uma cultura, não significa que não possam aparecer em pequeno número nas formações sociais mais variadas e a sua superioridade fará com que comandem os mais fracos, a maioria, no plano político.

A Humanidade não deveria combater mas proteger esses exemplares mais destacados, em lugar da proteção do homem comum, medíocre, o homem de rebanho. Proteger o homem forte e seus valores afirmativos não significa que se deva impedir condições favoráveis para que o homem fraco também manifeste uma vontade de poder ativa. Apesar de mencionar que o espírito livre (além-do-homem) necessita de uma sociedade aristocrática (como a Roma Antiga) para o seu florescimento, pode defender-se que o socialismo e a democracia criam condições materiais para que um número maior de pessoas concretizem os valores da força, inteligência e uma certa espiritualidade, valores típicos da moral do além-do-homem. Nesse sentido, uma certa igualização do exercício do poder, que pode ser promovida pelo socialismo e democracia, não significa enfraquecimento do homem, visto que a questão fundamental é o exercício da vontade de poder ativa.

...

O Super Homem de Nithiese

https://pt.wikipedia.org/wiki/Al%C3%A9m-homem

https://wordpress.com/post/culturadeunodeus.wordpress.com/1436